

IGREJA E HISTÓRIA NA ARTE CINEMATOGRAFICA*

*Carlos Jobed,
Didier Pelaez,
Ederaldo Macedo,
Sílvio da Silva,
Valdésio dos Santos***

***Os alunos estiveram sob a orientação do professor G. Paiva.*

Resumo:

Um grupo de estudantes, tendo em vista uma série de filmes, busca refletir sobre a imagem da Igreja vinculada pelos mesmos. Depois de uma apresentação geral dos filmes e de seus temas, cada um dos filmes são apresentados: Spartacus e o ambiente romano pré-cristão, O Gladiador e a época do Império Romano. Três filmes, por fim, retratam aspectos da Idade Média européia: Em Nome de Deus e O Nome da Rosa debatem o modo como os temas religiosos e institucionais (da Igreja) eram considerados e Joana d'Arc os envoltimentos políticos e religiosos no âmbito de uma guerra.

Chaves:

História da Igreja: cinematografia, Cinema: história da Igreja.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata o resultado de um seminário oferecido aos alunos do Instituto Teológico S. Paulo, na área de História da Igreja, coordenado pelo Professor G. Paiva. A partir do tema central — História do Cristianismo ou Igreja retratado nos filmes produzidos hodiernamente — fizemos a tentativa de refletir sobre a atuação cinematografia onde a Igreja está presente. O que será apresentado reflete o que foi refletido pelos

*O presente ensaio é o resultado de um seminário temático, realizado no ITESP, no segundo semestre de 2002.

alunos. A metodologia seguida foi a de que, cada aluno escolhesse um dos filmes propostos, estudasse o contexto histórico da época e, depois de ver o filme em grupo, partiria para a análise, acompanhada pelo professor.

O primeiro filme visto e analisado foi *Spartacus*. Enfocando o momento importante que a República Romana está vivendo ao ceder o palco para a implantação do Império e, no reinado de Augusto ser implantada a *Pax Romana*. Uma rebelião de escravos contra o sistema opressor irá refletir na mensagem proposta por Jesus Cristo alguns anos mais tarde. A proposta do cristianismo é de liberdade e de dignidade para todos os filhos de Deus. A partir daí se pode ver o contraste que o mundo imperial anterior a Jesus estava sedimentado. O próprio Jesus foi morto em conformidade com as leis imperiais de Roma. A ressurreição de Jesus veio mostrar que *Deus não deixa a História a si mesma, isto é, aos vencedores, mas coloca-se, na ressurreição deste crucificado, prometendo e abrindo futuro, ao lado dos humilhados e ofendidos, dos torturados e enforcados*.¹

Dando continuidade ao resgate histórico que a produção cinematográfica realçou, foi visto e analisado o filme *O Gladiador*. Nesta obra foi retratada a passagem de governo do Imperador Marco Aurélio (161-180) para Cômodo (180-192). O filme, no tocante a morte do Imperador Cômodo, não apresenta precisão histórica. Segundo Eusébio de Cesárea, na sua História Eclesiástica V, 26, nos fala dos 13 anos do governo do Imperador Cômodo, mas nada de sua morte.² É fato histórico que o Imperador gostava de gladiar, mas não foi morto na arena.

*Cômodo chegara então ao auge da depravação e da infâmia. Em meio às aclamações de uma corte adulatora, não conseguia esconder de si mesmo que merecera o desprezo e o ódio de todos os homens de juízo e de virtudes do seu império. (...) Sua crueldade se revelou finalmente fatal a ele próprio. Derramara com impunidade o sangue mais nobre de Roma; pereceu tão logo começou a ser temido pelos seus próprios serviçais. Márcia, sua concubina favorita, Electo, seu camarista, e Leto, seu prefeito pretoriano, alarmados com o destino dos colegas e predecessores, resolveram evitar a destruição que lhes pairava sobre a cabeça fosse pelo insano capricho do déspota, fosse pela repentina indignação do povo. Márcia aproveitou a ocasião que se lhe oferecia, de servir um gole de vinho ao seu amante que se fatigara na caça de animais selvagens. Cômodo se recolheu para dormir, mas enquanto sofria os efeitos do veneno e da embriaguez, um jovem robusto, lutador profissional, entrou na sua alcova e o estrangulou sem resistência. O corpo foi secretamente retirado do palácio antes de a corte, ou a cidade, nutrir a mínima suspeita da morte do imperador.*³

1 Cf. K. WENGST, *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 12.

2 Cf. E. de CESAREIA, *História Eclesiástica*. Madrid, 1997, vol. 1, p. 339, (ver nota 389).

3 Cf. E. GIBBON, *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo, Cia das Letras, 2001, edição abreviada, p. 101.

Nosso estudo focalizou a vida monacal e os embates teológicos na Idade Média, salientando o século XII, através do filme: *Em nome de Deus*. Nesse século cabe realçar o confronto teológico entre Pedro Abelardo (1079-1142) e Bernardo de Claraval (1090-1153). Mas o que a obra cinematográfica quer ressaltar é a amizade e o relacionamento entre Abelardo e Heloísa (1101-1164). O filme parte dos escritos, da correspondência entre os dois e da quase auto biografia intitulada: histórias de minhas desgraças.⁴

4 Cf. P. ABELARDO, *Storia delle mie disgrazie e lettere d'amore di Abelardo e Eloisa*. Milano, Garzanti, 1995.

5 Cf. U. ECO, *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.

O filme anterior apresenta uma situação até então quase inusitada na Vida Religiosa na Idade Média. Já o filme *O nome da Rosa*, inspirado no romance histórico de Umberto Eco, onde durante uma semana, apresenta a vida num mosteiro do século XIV.⁵ À maneira de romance policial e retratando concepções e mentalidades e até rivalidades entre as três grandes Ordens — beneditinos, franciscanos e dominicanos — o filme faz prevalecer uma imagem negativa dos mosteiros medievais. No período destacado pelo filme, a Vida Religiosa na Europa já havia passado por várias tentativas de reformas, desde a Abadia de Cluny, passando por grandes renovadores como Bernardo, Norberto e Bruno. É posterior também ao grande florescimento das Ordens Mendicantes nas pessoas de Francisco e Domingos. Faz-se necessário uma análise histórica mais contextualizada para a emissão de um juízo a respeito, mais alusão ao fato histórico do que o filme em si.

Saindo do contexto da Vida Religiosa monacal, o filme *Joana d'Arc*, nos faz ver a força da experiência mística de uma jovem francesa que a Igreja condenou e depois proclamou como santa. A inspiração política — luta pela independência dos territórios franceses nas mãos dos ingleses — e a religiosa se somam nas palavras e ações da jovem guerreira. O filme também deixa claro as posturas convenientes no campo político e religioso dos representantes do clero.⁶

O grupo conseguiu atingir a proposta inicial apresentada pelo orientador e ainda foi visto *Sandálias do Pescador* baseado no livro de M. West. Como o espaço aqui é restrito, apresentamos a análise de apenas cinco dos filmes vistos e analisados.

SPARTACUS⁷ (DIREÇÃO: STANLEY KUBRICK)

A expansão romana na Itália e no Mediterrâneo possibilitou a aquisição de um grande número de escravos que passaram a ter um papel muito importante como base econômica de uma sociedade altamente escravagista. Suas principais fontes de fornecimento foram as dívidas não quitadas, a pirataria marítima e principalmente as guerras, cujos prisioneiros eram

7 Ederaldo M. de Oliveira coordenou e elaborou esta parte da síntese.

escravizados e obrigados a trabalhar, assim como os outros, nos campos, nas oficinas artesanais, nas minas, nos serviços domésticos e quaisquer outras atividades, pois eram tratados como objetos e equipamentos falantes, como mercadorias que geravam grandes lucros aos traficantes romanos. Os prisioneiros de guerra constituíram um imenso exército de escravos, cujo trabalho barato nas grandes propriedades e nas manufaturas arruinou os camponeses e os artesãos livres da península itálica. Havia dois tipos de escravos: os públicos, que pertenciam ao estado e eram utilizados nas obras, nos templos, nas minas e pedreiras; e os privados, que eram divididos em urbanos que desempenhavam várias funções domésticas, artesanais e até como preceptores, e os rurais limitando seu serviço na lida de campo. A utilização de escravos de diversas regiões nas atividades artísticas, educacionais, e até na agricultura, legou à Roma uma incontestável contribuição ao desenvolvimento que se fez sentir na consolidação de suas próprias ambições. O sistema econômico, muito monetarizado, permitiu notável acúmulo de capital. Os grandes comerciantes e banqueiros romanos pertenciam em geral à classe dos cavaleiros (*equites*), intermediária entre as grandes famílias que dividiam as cadeiras do Senado e as classes baixas. O proletariado romano transformou-se numa classe ociosa que vivia miseravelmente das subvenções e distribuições de alimentos, freqüentava as termas e era entretida com jogos públicos e circo. A própria Roma tornou-se uma grande cidade parasita, que importava grande quantidade de mercadorias de luxo e especiarias orientais, trigo da Sicília e do norte da África, azeite da Espanha e escravos de todo o imenso território colonial. O velho sistema político republicano, edificado por e para uma cidadania identificada com sua cidade, era cada vez menos capaz de funcionar numa sociedade enriquecida que perdera seus ideais. Teve início assim um longo período de instabilidade interna que só cessou quando a velha república romana se transformou em império.

Nesse período final da república romana, eclodiram três grandes guerras servis, sendo que as duas primeiras foram na Sicília com pouco respingos na Itália Meridional, mas com grandes conseqüências na produção do séc. I e no rigorismo disciplinar dos contingentes. A terceira guerra, em plena Itália, foi comandada por um escravo gladiador de origem trácia em 73 a. C. chamado Espartacus. Durante dois anos, um grande contingente de escravos rebeldes colocou em perigo as próprias bases da república romana, até que foram exterminados pelo exército, sob o comando de Magnus. Spartacus liderou a revolta e o levante de uma multidão de escravos chegando ao número de 60 mil pessoas. Tendo a certeza da morte como punição em ter-

ritório romano, o líder os conduziu para o litoral a fim de galgarem suas terras de sua origem; por motivos desconhecidos, a troupe dá meia volta rumo à Península e encontra os generais romanos com 10 legiões que os rechaça para a extremidade da Península. No início de 71 a. C. tudo terminara e deu-se a caçada a Espartacus: ao longo da Via Áppia, de Cápua a Roma, Crasso fincou 6.000 cruces com as sobras dos revoltosos.

A partir de uma análise da história do Império Romano no período que antecede o Cristianismo, notamos que o contexto social, político e religioso da época foram primordiais para a formação dos fundamentos da proposta do Profeta de Nazaré. Essa proposta nasceu dentro de um turbilhão de problemas conhecidos já a algum tempo pelos habitantes do império e denunciados por muitos outros profetas mas se cristalizou, ou seja, foi melhor sintetizado em sua origem e em suas causas mais imediatas por Jesus de Nazaré. O principal fator de sucesso do cristianismo foi resgatar a esperança perdida daqueles que eram subjugados com uma proposta nova, de justiça, paz e amor além da identificação das origens desses problemas, que diferiam das convenções dos burocratas do templo e abria a possibilidade de inocência dos pseudos réus, além de possibilitar a legitimidade do sentimento de justiça e esperança numa época em que a primeira, a justiça era direito do Estado e a outra, a esperança, era censurada pelos burocratas do templo com base nos seus interesses.

A partir disso, temos uma multidão de excluídos que esperavam por décadas alguém, alguma proposta política ou religiosa que desse um fim naquela estrutura de morte. Algo novo, com credibilidade que resgatasse a auto-estima das pessoas a ponto de morrerem com certezas e esperanças, sendo que antes nem isso mais tinham. Essa busca justificava a visão política e revolucionária dos zelotas em relação a Jesus. Podemos até questionar se teria sucesso o cristianismo caso não houvesse um contexto social como o da época. É possível que se o contexto fosse melhor, talvez ele nem teria nascido ou saído da Judéia, mas com certeza, seu crescimento em número de adeptos teve como fator primordial a situação político-religiosa promovida pelo Império Romano, que subjugou nações inteiras e escravizou milhares de pessoas.

8 Dider Pelaez coordenou e elaborou esta parte da síntese.

O GLADIADOR⁸ (DIRETOR: RIDLEY SCOTT)

No ano de 180 d. C. o general romano Máximo, servindo ao seu imperador Marco Aurélio, prepara seu exército para impedir a invasão dos bárbaros germânicos. Durante o combate, Máximo fica sabendo que Marco Aurélio, já velho e ciente de

sua morte, quer lhe passar o comando do Império Romano. A trama onde Cômodo, filho do imperador, mata o pai, assumindo o comando do Império, não é historicamente verídica. Na verdade, Cômodo assumiu quando seu pai morreu afetado por uma peste, adquirida durante uma nova campanha no Danúbio.

Enquanto Cômodo assume o trono, Máximo escapa da morte, torna-se escravo e gladiador, travando batalhas sangrentas no Coliseu, a nova forma de divertimento dos romanos. Máximo, disposto a vingar o assassinato de sua mulher e de seu filho, sabe que é preciso triunfar para ganhar a confiança da platéia. Acumulando cadáveres nas arenas o gladiador luta por uma causa pessoal, de forma quase que solitária e leva benefícios ao povo, submetidos pela política do *pão e circo*.

Nesta vida ou na próxima eu terei minha vingança. Máximo sabe que o controle da multidão será vital para que possa arquitetar sua vingança, que culmina em um combate com o próprio Cômodo.

O Império, terceira e última etapa na história da civilização romana, foi antecedido pelos períodos monárquico (753-509 a. C.) e republicano (509-27 a. C.). Trata-se do maior e mais duradouro Império da história universal, estendendo-se pela Europa, norte da África e Ásia no Oriente Próximo desde 27 a. C. até 476 na porção ocidental e até 1453 na porção oriental.

Durante o Império consolida-se o Modo de Produção Escravista, que se desenvolve até o século III, quando problemas estruturais, marcam o início da crise do escravismo, e consequentemente do próprio Império. O agravamento provocado pelas invasões bárbaras culminou com a tomada de Roma pelos ostrogodos no século V.

O filme insere-se no contexto do Baixo Império, caracterizando o governo de Marco Aurélio (161-180), tendo como principal cenário o monumental Coliseu, anfiteatro romano, cujo nome vem da estátua colossal (*colossoe*) de Nero, que se achava nas proximidades. Iniciado no governo do imperador Vespasiano e concluído no de Tito em 80 d. C., o coliseu abrigava até 100 mil pessoas, sendo utilizado para combate de gladiadores e também, para o martírio de inúmeros cristãos. Esses, durante séculos, foram discriminados e perseguidos pelos romanos, para posteriormente serem aceitos, quando o Edito de Milão publicado em 313 pelo imperador Constantino, concedeu liberdade de culto. Décadas depois, o imperador Teodósio oficializava o cristianismo como religião do Império, publicando o Edito de Tessalônica em 390.

Se inicialmente a retração militar pouco afetou a vida do Império, o fim das guerras de conquista acabou por gerar um processo inflacionário que corroeu a economia romana. A dimi-

nuição do afluxo de riquezas e a falta de mão-de-obra escrava, além da corrupção, cada vez maior nos altos cargos do Império, caracterizam uma realidade de profunda crise, que se reflete com as divisões políticas (tetraarquias e depois em Ocidental/Oriental) e com a própria difusão do cristianismo, já que o Império debilitado em sua infra-estrutura e dividido politicamente, não tinha mais forças para resistir a uma religião em que cerca de 1/3 de sua população já havia aderido.

O filme enquadra-se nesse processo de crise do Império Romano, quando durante o governo do imperador Marco Aurélio iniciam-se as invasões bárbaras, que irão se estender até a queda de Roma em 476.

Apesar de ter consolidado a centralização administrativa e hierárquica das funções, interpretando as leis com um sentido mais humanitário, Marco Aurélio não poupou os cristãos de terríveis perseguições. Enfrentou também uma peste, que agravou ainda mais os problemas sociais, desdobrando-se em frequentes sublevações, como na Gália e no Egito.

Aproveitando-se da debilitação de Roma, as tribos bárbaras vizinhas começaram a assaltar as fronteiras do Império. Os partos (da Pérsia), penetraram na Síria, sendo derrotados pelos generais de Marco Aurélio. Mais grave para os debilitados romanos foi a longa guerra contra as tribos que habitavam as fronteiras do Danúbio. Os germanos foram expulsos da Itália e empurrados para além do Danúbio. Contra os marcomanos, os iaziges e os quados, Marco Aurélio conduziu pessoalmente as campanhas do Danúbio. A paz foi assinada em 175 e pela primeira vez, os bárbaros foram recebidos como colonos ou como soldados do Império.

Com o rompimento da paz, Marco Aurélio empreendeu uma nova campanha no Danúbio (177-180), no curso da qual morreu de peste, deixando o poder a seu filho Cômodo, retratado no filme de maneira demasiadamente maniqueísta, frente ao herói gladiador.

Se com Tito Aurélio Antonino (138-161) verifica-se o momento mágico de equilíbrio imperial: paz interna e externa (em 142 é construído um novo vale na Britânia), todavia, como acontece em todo apogeu, vão amadurecendo os germes dos futuros desequilíbrios: a decadência da economia agrícola, pela descontrolada expansão do latifúndio desacompanhado de progresso técnico, e a inquietação crescente dos bárbaros nas fronteiras.

A crise estoura tão logo sobe ao trono Marcos Aurélio Antonino (161-180), associado a Lúcio Vero (até à morte deste, em 169): os partos no Sudeste, os marcomanos, quados e jazigos no Nordeste, e os bérberes no Sudeste provocam irrupções respectivamente na Síria, na Panônia e na Itália, na

*Espanha; acontecem também pestes e períodos de carestia. O imperador-filósofo põe mãos à obra com admirável espírito de sacrifício, mas comete o erro de deixar o império ao filho Lúcio Aurélio Cômodo (180-192), de tendências excêntricas e autocráticas. Quebra-se, assim, o equilíbrio entre exército, aristocracia e plebe, representado no imperador, e Cômodo é assassinado, enquanto se renova a anarquia de 68-69, logo após a morte de Nero. Os problemas da instituição imperial voltam ao ponto de partida, agravados pelo enfraquecimento das forças verificado nesse meio de tempo.*⁹

9 Cf. K. BIHLMAYER, — H. TUECHLE, *História da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1964, vol. 1, p. 88.

Com relação aos cristãos o 'rescrito' de Trajano (112) iria fazer jurisprudência, ainda que a atitude do poder em relação aos cristãos, ao longo dos séculos II e III, careça de clareza. Os grandes Antoninos, Adriano (117-138), Antonino Pio (138-16) e Marco Aurélio (161-180), nada fariam para agravar a legislação anticristã. Mas aqui e acolá eclodiriam chamadas de antagonismo e tombariam mártires, devido as pressões do povo sobre o poder local. Isso porque é inegável que a cólera do populacho, alimentada por maledicências, inveja, desgosto ou patriotismo exagerado, levou mais de um cristão aos tribunais e ao suplício: a multidão sempre foi covarde em relação às minorias e às pessoas vigiadas pela polícia.

Uma das grandes perseguições contra os cristãos é do tempo de Marco Aurélio, um imperador excelente, entusiasta pela filosofia estoica. No início do seu governo verificam-se grandes calamidades: carestia e peste grassaram no território do império, inimigo bárbaro poderoso ameaçavam-lhe as fronteiras. Dada a situação, em mais de um lugar, o povo foi novamente excitado contra os cristãos quais supostos autores de tantas desgraças; foram agredidos e maltratados com rapinas e destruições. O próprio imperador não encontrava na religião cristã senão espírito de contradição e estultícia de visionários.¹⁰

10 Cf. K. BIHLMAYER, — H. TUECHLE, o. cit., p. 89.

Dias mais tranquilos voltaram somente com o advento ao poder do filho indigno de Marco Aurélio, Cômodo (180-192), sobretudo talvez pelo influxo exercido sobre o imperador pela sua concubina, isto é, sua mulher morganática Márcia, bem disposta para com os cristãos, talvez cristã ela mesma (desde 183). Por sua intercessão os cristãos que definhavam nas minas de chumbo da Sardenha foram libertados. Em muitas províncias puderam-se reunir, sem dificuldade, sínodos para a controvérsia sobre a festa da Páscoa. Todavia, ainda houve mártires.¹¹

11 Cf. K. BIHLMAYER, — H. TUECHLE, o. cit., p. 89.

O NOME DA ROSA¹² (DIRETOR: JEAN-JACQUES ANNAUD)

Um monge franciscano é encarregado de investigar uma série de mortes misteriosas que passam a ocorrer em um mos-

12 Valdésio Pereira Santos coordenou e elaborou esta parte da síntese.

teiro beneditino localizado na Itália em plena Idade Média, onde as vítimas aparecem com os dedos e as línguas roxos. O mosteiro é dono de uma imensa biblioteca onde poucos monges tem acesso às publicações sagradas e profanas. A chegada de William de Baskerville, incumbido de investigar o caso, mostrará o sentido verdadeiro e o motivo dos crimes, resultando num tribunal da santa inquisição.

A Idade Média é marcada pela desintegração do feudalismo e a formação de nova classe burguesa na Europa Ocidental (séculos XI-XV). Há neste período o fortalecimento da burguesia (século XIII) assistindo-se à expansão do capitalismo. Ocorre neste período uma transformação na esfera econômica, com o crescimento do comércio monetário. Na esfera social, cresce a projeção da burguesia e sua aliança com o rei. É um tempo fecundo, onde no espaço político fortalece-se a formação das monarquias nacionais representadas pelos reis absolutistas e até mesmo religiosos, que culminarão no Cisma do Ocidente através do Protestantismo iniciado por Martinho Lutero na Alemanha, em 1517. A nível cultural destaca-se o movimento renascentista que surgiu em Florença no século XIV e se propagou pela Itália e pela Europa, entre os séculos XV e XXVI. A partir do século XIV, as instituições e os ideais da época feudal começam a apresentar sinais de franca decadência. Demonstrou-se a filosofia escolástica, a cavalaria enfraqueceu-se, assim, como o próprio feudalismo e, ao mesmo tempo, uma nova mentalidade orientada nos princípios da antigüidade greco-romana foi substituindo as fontes espirituais e cavaleirescas da Idade Média. Renascimento ou Renascença são termos tradicionalmente dados à transformação que ocorreu nas artes, nas letras e nas ciências. O Renascimento não foi uma montanha de luz surgindo das trevas. Foi a Idade Média que tornou possível o Renascimento que decorreu de um complexo de causas, tais como: o crescimento das cidades e do comércio, o desenvolvimento do humanismo, a influência das civilizações bizantinas e sarracenas. O Renascimento enquanto movimento cultural resgatou da antigüidade greco-romana os valores antropocêntricos e racionais, que adaptados ao período, entram em choque com o teocentrismo e o dogmatismo medievais sustentados pela Igreja. No filme, o monge franciscano representa o intelectual renascentista, que com uma postura humanista e racional, consegue desvendar a verdade por trás dos crimes cometidos no mosteiro.

Em 1327, William de Baskerville e Adso von Melk, um noviço que o acompanha, chegam ao mosteiro beneditino no Norte da Itália. William de Baskerville pretende participar de um conclave, para decidir se a Igreja deve doar parte de suas rique-

zas, mas a atenção é desviada pelos assassinatos que acontecem no mosteiro. Ele começa a investigar o caso que se mostra bastante intrincado, além do mais, os religiosos acreditam que é obra do demônio. William não partilha desta opinião, mas antes que ele conclua as investigações, Bernardo Gui, o Grão-Inquisidor, chega ao local e está pronto para torturar qualquer um suspeito de heresia que tenha cometido assassinatos em nome do diabo. Considerando que ele não gosta de Baskerville, ele está inclinado a colocá-lo no topo da lista dos que são diabolicamente influenciados. Esta batalha, junto com uma guerra ideológica entre franciscanos e dominicanos, é travada enquanto o motivo dos assassinatos é lentamente solucionado.

Na Idade Média, os mosteiros eram depositários da cultura, que assim pôde sobreviver. É dentro de um contexto político, social, econômico e religioso que vão surgir os Tribunais Eclesiásticos, que não vão apenas julgar o clero, mas se pronunciavam sobre todos os assuntos que direta ou indiretamente se vinculavam à Igreja, tais como: contratos celebrados sob juramento, testamentos, bruxarias, sacrilégios, etc. A maneira de julgar dos Tribunais Eclesiástico era superior aos processos bárbaros utilizados pela justiça feudal. Os mosteiros tiveram grande importância na Idade Média e tinham como obrigação essencial, a obediência absoluta ao chefe da ordem, à pobreza e ao trabalho. A Igreja enaltecia a dignidade do trabalho, dando um exemplo com a operosidade dos monges no trabalho e no estudo.

O Tribunal chamado de Inquisição, tinha uma graduação de penas que ia do jejum, multas, pequenas penitências até à prisão. Nos casos considerados mais graves, os acusados eram entregues ao braço secular, isto é, à autoridade civil, a qual aplicava a pena máxima da morte na fogueira, em um ato público chamado de *auto-de-fé*. O herege era considerado como um renegado que havia traído os princípios básicos da sociedade onde vivia. As heresias não conseguiram abalar os princípios fundamentais do pensamento cristão da Idade Média, porém, nos últimos séculos, profundas mudanças vão surgir da teologia católica.

EM NOME DE DEUS¹³ (DIRETOR: CLIVE DONNER)

O filme tem como protagonistas de seu enredo Abelardo e Heloísa. Abelardo, em francês Pierre Abélard ou Abailard, em latim Abelardus (1079-1142), foi filósofo e teólogo francês. Precursor do racionalismo francês, defendeu o exame crítico das Escrituras à luz da razão. Sofreu incompreensões e ataques por parte de adversários contrários ao seu pensamento. Nasceu em

¹³ Carlos Jobed coordenou e elaborou esta parte da síntese.

Le Pallet, perto de Nantes, França, por volta de 1079, filho de um cavaleiro. Renunciou à sua herança, entretanto, para se dedicar ao estudo freqüentando as escolas de célebres mestres de dialética. Estudou em Paris com os melhores mestres: Roscelino de Copiègne e Guilherme de Champeaux, combatendo posteriormente, como professor, as idéias deste. Aos 22 anos, abriu um curso de filosofia em Melun. De volta a Paris, a clareza de seu espírito atraiu uma multidão de discípulos. Foi nessa época que começou sua ligação amorosa com Heloísa, sua aluna e sobrinha do cônego Fulbert, tutor da mesma. Este ficou muito irritado com isso. Abelardo casou-se com Heloísa, mas quis que o enlace ficasse clandestino. Fulbert fez que Abelardo fosse castrado. Antes disso, porém, Heloísa tem um filho com Abelardo de nome Astrolabius.

Depois disso, Abelardo e Heloísa recolheram-se ao claustro: ele ao mosteiro de Saint-Denis, ela a um convento em Argenteuil. Terão mantido contato postal através de cartas cuja autenticidade é discutida. Abelardo deixou o mosteiro; em Quincey fundou uma capela dedicada ao Paráclito, e voltou a lecionar. Sentindo-se agredido por seus adversários, Abelardo aceitou o convite para ser Abade do mosteiro de Saint Gildas, cargo este que ele teve de abandonar porque malquistado pela comunidade. Em 1128, Heloísa foi obrigada a sair de Argenteuil com a sua comunidade. Abelardo então doou às Irmãs a casa de oração Le Paraclet e tornou-se conselheiro espiritual de Heloísa. Esta permaneceu no mosteiro até a morte (1164), tendo sido eleita Abadessa em 1135.

Defensor da capacidade da mente humana de alcançar o verdadeiro conhecimento natural e sobrenatural, Abelardo defendeu o exame crítico das Escrituras à luz da razão. Foi bastante incompreendido e atacado em seu tempo. Mesmo depois de seu ingresso no claustro, Abelardo continuou lecionando com êxito. Em seus escritos, destaca-se sua autobiografia *História das Minhas Calamidades*. Seu livro mais famoso, escrito entre 1121 e 1122, é o *Sic et Non* (Sim e Não), conjunto de afirmações bíblicas e patrísticas de aparência contraditória, mas que Abelardo consegue conciliar, no qual apresenta argumentos contra e a favor de quase todas as grandes teses filosóficas da época, método que Santo Tomás de Aquino retomaria na Suma Teológica. Não seremos capazes de rebater as investidas dos hereges ou de quaisquer infiéis, se não soubermos refutar suas argumentações e invalidar seus sofismas com argumentos verdadeiros, para que o erro ceda à verdade e os sofismas reuam perante os dialéticos, dizia Abelardo.

A opinião de Abelardo de que a dialética é o único caminho da verdade teve o efeito benéfico, na época, de desfazer

preconceitos e encorajar o pensamento livre. Para ele nada, exceto as Escrituras, é infalível; mesmo os apóstolos e os padres são passíveis de errar. Entre os seus princípios básicos conta-se o de que a ciência deve preceder à fé. Sua filosofia é, em grande parte, uma análise da linguagem, que se torna notável ao estudar o problema dos universais. Abelardo sustenta que existem apenas indivíduos, nenhum dos quais é, em si, espécie nem gênero, e que os gêneros e as espécies são concepções, de onde provém a designação de conceptualismo atribuída ao seu sistema. Segundo ele, as coisas se parecem, e essas semelhanças, que por si só não são coisas, produzem os universais. Característica da época medieval. Combate ao mesmo tempo às idéias do nominalismo e do realismo. Abelardo é também um precursor do humanismo, desenvolvido pelos filósofos modernos, pela sua defesa da moral individualista. Podemos citar ainda, entre suas obras principais, *Introdução à Teologia e Ética* ou *Conhece-te a ti mesmo*, um tratado de ética onde se defende que o pecado consiste apenas no desprezo pelos desejos de Deus; os estados mentais intencionais são, portanto, mais importantes que a ação. Abelardo viveu numa época em que se ganhava consciência do choque entre as autoridades tradicionais; as traduções revelavam opiniões divergentes e geraram a atmosfera de debates em que ele se formou. Algumas de suas doutrinas são condenadas pela Igreja nos concílios de Soissons e Sens. Abelardo morreu no priorado de Saint-Marcel, perto de Châlons-sur-Saône, em 21 de Abril de 1142.

As palavras de Abelardo levam-nos ao íntimo da pessoa medieval. O que fez a fama de Abelardo correr o mundo é a experiência do Eros, profundamente relacionada com sua pessoa e documentada na *História das Minhas Calamidades*. Em Heloísa fascina a capacidade intelectual e a sensibilidade, mas também sua integridade no amor. Esta viu na fidelidade do amor a coisa mais sagrada. A pessoa certamente mais atingida pela tragédia foi Heloísa em sua condição de mulher medieval. Pressionada, sacrificou também o restante de sua vida, ao assumir a vida no monastério. As cartas de Heloísa são o mais precioso documento acerca da rebeldia do ser humano contra um Deus que não reflete mais nada da imagem revelada em Jesus Cristo.

A postura teológica e filosófica de Abelardo está caracterizada pelo subjetivismo, descrita na obra *Conhece-te a ti mesmo*, e que representa uma ética e moral desconhecidas ao mundo medieval. Abelardo deu à razão função que até então jamais tivera no Cristianismo. Defendeu sua convicção de que deve haver uma fé que brote da razão. Buscou, então, transformar as verdades reveladas em verdades da razão. Criou, assim,

o método teológico da escolástica. No lugar do autoritarismo, Abelardo colocou a necessidade da comprovação. Isso minou o edifício doutrinário sobre o qual repousava o poder da Igreja medieval.

Foi acusado de pelagianismo e de renovar o arianismo na doutrina da Trindade.

Seu maior opositor, Bernardo de Claraval, 1090 a 1153, participou das profundas mudanças que aconteceram na Europa do século XII. Enquanto Abelardo afirmava: *Sou odiado pelo mundo por causa da lógica*, Bernardo afirmava: *Arder é mais do que saber*. Bernardo atacou Abelardo por julgar que, em seu método dialético, existia perigosa tendência destruidora da fé cristã. De modo algum lhe agradava a vaidade da razão de Abelardo. Bernardo buscava Deus, como todo místico, com o coração ardente. Seus ataques contra Abelardo não ocorreram por razões pessoais; foram decorrências de sua desconfiança em relação à ciência. O método dialético era para ele *revolver nas entranhas do sagrado*. Abelardo privava com o seu método a fé cristã de seus mais profundos mistérios. Reacionário, era expressão de um novo sentimento. Em Bernardo surgiu um novo tipo de subjetividade que ainda permanece emoldurado no mundo da objetividade. O dado peculiar da mesma está na experiência pessoal do Evangelho. Optou pela abstinência sexual. Possuía grande poder persuasivo. Ele e seus companheiros optaram pela humildade do pequeno convento de Cistér.

O monacato foi para Bernardo a subversão consciente de todos os valores. Nada tinha da vida normal burguesa, era vida irracional. É um protesto contra o cristianismo nominal. Para ele a realidade do Cristo tem que ser experimentada; ela não pode ser mero processo racional, fruto de reflexões teológicas. Morreu em 20 de Agosto de 1153.

O grito angustiado de Abelardo foi um grito que sai da garganta dos que são acusados de heresia em regime de cristandade.

Como características ainda do mundo medieval, que nos ajudam a compreender melhor o contexto no qual estão Abelardo e Heloísa, podemos citar o crescimento demográfico e urbano conjugado com autênticas revoluções na produção e circulação de bens, que tornam a vida mais independente a uma faixa populacional em rápido crescimento que se ocupa da transmissão de saberes, bem como das burocracias eclesiais e dos estados nascentes; às novas formas de poder senhorial, comunal ou real, não são estranhas as reformas monásticas e eclesiais que pretendem reafirmar e consolidar a supremacia espiritual e também temporal da Igreja; as modificações introduzidas nas reformas da vida religiosa deram um

contributo notável para o desenvolvimento e difusão do saber, confinado aos diversos círculos da vida clerical; o regresso à vida monástica nos séculos XI e XII deve-se também a um resurgir da atração pela vida evangélica, continuada ou radicalizada no século XIII pela emergência das ordens monásticas mendicantes; o poder simbólico das escolas fica bem expresso no percurso do seus próprios mestres; a multiplicação de orientações das ciências faz entrar em crise os modelos clássicos de organização do saber; o dinamismo da vida intelectual faz-se também sentir com novas formas de controle e censura, como é bem demonstrado pelas acusações perante concílios e em alguns casos de condenações, como no caso de Abelardo.

JOANA D'ARC¹⁴ (DIRETOR: LUC BESSON)

O filme retrata a figura de Joana D'Arc, através de uma aventura estilizada e uma versão mais humanizada do mito que se tornou a jovem de origem camponesa que conseguiu exaltar o nacionalismo francês, na luta contra os ingleses durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453).

Nesta megaprodução — US\$ 55 milhões — Joana é retratada desde sua infância, quando já apresentava um comportamento estranho, tendo visões e ouvindo vozes, além de frequentar regularmente o confessionário. Depois do assassinato de sua irmã por um guerreiro inglês, a virgem transforma-se numa religiosa sanguinária e mística, conseguindo com seu fervor nacionalista, um exército do rei que liberta Orléans dos ingleses. Nas batalhas Joana deposita sua fé apenas em Deus e em seu nome promove matanças, derramando-se em lágrimas diante dos cadáveres.

O filme chega a sugerir que sua fixação bélica seria produto da sexualidade reprimida na infância e nesse sentido suas tensões passam a ser direcionadas para a guerra e para religião. Traída e aprisionada em sua própria terra, Joana é vendida aos ingleses e, acusada de heresia e bruxaria, é condenada pela Igreja e queimada viva em Ruão no ano de 1431.

Ao transformar-se num mito a figura de Joana D'Arc, como tantas outras, é manipulada para atender os mais variados interesses no decorrer da história. Joana D'Arc, a mais popular figura histórica da França, virou sinônimo de patriotismo durante a Revolução Francesa (1789), foi canonizada pelo Vaticano em 1920 e hoje é venerada por políticos como Jean-Marie Le Pen, líder da Frente Nacional.

No contexto europeu, a Guerra dos Cem Anos não foi um fato isolado. O século XIV assinala a crise mais intensa do feudalismo, em transição para o capitalismo, sendo marcado pela

14 Silvio Aparecido da Silva coordenou e elaborou esta parte da síntese.

trilogia *guerra, peste e fome*. A guerra, portanto, convive com a peste negra, que trazida para o Ocidente por mercadores italianos, desde a reabertura do Mediterrâneo pelas cruzadas, provocou em poucos anos a morte de um terço da população europeia. A fome foi uma conseqüência direta da devastação dos campos pela guerra e pela peste, afetando não só o feudalismo decadente, como também o capitalismo nascente, na medida em que limitava o consumo, para nova economia.

As velhas disputas entre os ingleses e franceses pela posse de determinados territórios da França acabaram culminando na Guerra dos Cem Anos, cujos efeitos foram desastrosos para o conjunto da população europeia.

O início do conflito está relacionado ao problema de sucessão da coroa francesa, pois com o fim da dinastia capetíngia, em decorrência da morte do rei Carlos IV, em 1328, apresentaram-se dois pretendentes: Filipe de Valois, nobre francês, sobrinho do rei Filipe, o Belo, e Eduardo III, rei da Inglaterra e neto do mesmo Filipe pelo lado materno. Reunidos em assembléia, os grandes senhores feudais franceses rejeitaram o soberano inglês apoiando-se na Lei Sállica, segundo a qual o trono da França não poderia ser ocupado ou transmitido por linha materna. Assim, a escolha recaiu sobre Filipe de Valois, que foi coroado como Filipe VI, dando início à dinastia Valois.

A decisão imposta pela assembléia de nobres franceses afetou profundamente os planos comerciais dos senhores ingleses. Se Eduardo III houvesse conquistado o trono francês, estaria assegurada a aliança entre a Inglaterra e a França, o que garantiria o livre acesso inglês à região de Flandres, então sob o controle francês. Essa região concentrava um ativo comércio e importantes manufaturas de tecidos, que utilizavam como matéria-prima a lã produzida na Inglaterra, importante atividade econômica de uma significativa parcela de senhores feudais ingleses.

Por outro lado, os produtores de tecidos de flandres também demonstravam interesse em garantir a importação de lã inglesa, reprovando os entraves feudais impostos pelos franceses. A burguesia flamenga buscou, então, o apoio de Eduardo III, que, alegando os pretensos direitos à sucessão do trono francês, passou a controlar a região. Em 1337, os franceses declararam guerra aos ingleses, iniciando um conflito que se prolongaria por mais de um século. A Guerra dos Cem Anos, entretanto, não foi contínua: aos 55 anos dispendidos efetivamente em combates, intercalaram-se períodos de relativa paz, em que se negociaram várias tréguas.

Durante a primeira fase do conflito (1337-1422), a superioridade do exército inglês garantiu expressivas vitórias, como as

das batalhas de Ecluse (1340), Crécy (1346) e Poitiers (1356). Com isso, em 1360 os ingleses impuseram a seus inimigos a Paz de Brétigny, pela qual a Inglaterra passava a ocupar praticamente um terço do território francês.

Em meio à guerra, durante os anos de 1315 a 1317, houve um período de extrema penúria na Europa, chamado de a grande Fome. Uma série de más colheitas havia comprometido a já insuficiente produção agrícola. A fome foi uma presença constante na sociedade européia. As péssimas condições de higiene favoreciam a rápida propagação de doenças, transformando-as em verdadeiras epidemias. Como foi o caso da peste negra, que matou mais de 25 milhões de pessoas (um terço da população européia) entre 1347 e 1350.

Com isso, a situação dos franceses era desoladora: as despesas com a guerra, a estagnação do comércio e a disseminação da peste negra agravaram ainda mais as condições miseráveis em que vivia o povo. A burguesia de Paris, responsabilizando a aristocracia pelas constantes derrotas sofridas, reivindicava maior participação nas decisões do governo. No interior, as revoltas camponesas foram a resposta de milhares de servos a séculos de opressão feudal.

Em 1364, com a ascensão de Carlos V ao trono francês, reiniciou-se a guerra contra a Inglaterra. Graças à unificação de seus exércitos, a França conseguiu importantes vitórias, reconquistando a maior parte dos territórios tomados pelos ingleses. Entretanto, a morte de Carlos V marcaria o início de uma série de disputas pelo poder, que culminariam com a cisão da nobreza francesa em dois partidos: os armagnacs e os borguinhões.

Quando os borguinhões foram derrotados pelos armagnacs, eles se aliaram aos ingleses, permitindo à Inglaterra voltar à ofensiva. Saindo-se novamente vitoriosa, em 1420, a Inglaterra impôs à França o Tratado de Troyes, segundo o qual o rei inglês Henrique V assumiria o trono francês. Assim, em 1422 a França encontrava-se dividida em dois reinos: nos territórios do norte, governava o inglês Henrique V, apoiado pelos borguinhões; nos poucos territórios do sul, reinava o francês Carlos VII, com o apoio dos armagnacs.

Joana D'Arc surge na história da França durante a guerra dos 100 anos (1337-1453) entre franceses e ingleses. Encontramos dois motivos fundamentais para a guerra. O primeiro foi a intenção do rei da Inglaterra, Eduardo III em ocupar o trono francês. O segundo foi de ordem econômica, caracterizando a disputa franco-britânica pela região de Flandres, rica na produção de tecidos.

Joana D'Arc nasceu em Domrémy, na região francesa de Barrois, em 6 de janeiro de 1412.

Chamada de *a Donzela de Orléans*, era filha de Jacques D'Arc, próspero lavrador de Domréry, e de Isabelle Romée, demonstrou desde cedo uma piedade intensa.

Aos 13 anos, declarou que podia ouvir a voz de Deus, que a exortava a ser boa e a cumprir os deveres cristãos. Afirmou também ter visto são Miguel, além de santa Catarina e santa Margarida, cujas vozes ouvia.

Quando as lutas entre franceses e ingleses se aproximaram do Barrois, Joana ouve as vozes divinas, a qual ordena que devia partir para salvar Orléans, sitiadas pelos ingleses. Em fevereiro de 1429, conseguiu convencer o capitão de Vacouleurs, Robert de Baudricourt, a ceder-lhe uma escolta que a levasse a Chinon, onde residia Carlos VII. Lá chegando, em 23 de fevereiro, reconheceu Carlos VII, disfarçado entre os membros da corte, e disse que vinha em nome de Deus para fazê-lo sagrar-se Reims como legítimo rei da França. A autenticidade de sua fé foi reconhecida e ela recebeu em Tours equipamento e séquito militar. Com o último exército de Carlos VII, entrou em Orléans em 24 de abril, tendo desempenhado um papel decisivo na libertação da cidade (8 de maio). Inúmeras vitórias sobre as posições anglo-borgonhesas permitiram-lhe reacender o sentimento nacional e conduzir Carlos VII a Reims, onde foi sagrado em 17 de julho.

No entanto, a partir daí, a morosidade calculada da diplomacia real entravou a ação de Joana que fracassou diante de Paris (8 de setembro), onde foi ferida. Procurando salvar Compiègne, foi capturada por João de Luxemburgo (23 de maio de 1430), que a entregou aos ingleses por 10.000 escudos. Encerada no castelo de Rouen (dezembro) e depois denunciada a um tribunal da Santa Inquisição presidido pelo bispo de Beauvais, Pierre Cauchon, inteiramente devotado à causa inglesa, suportou, sem defesa, um longo processo de heresia. Declarada herética foi queimada viva na praça do Velho Mercado, em Rouen, a 30 de maio de 1431. Em 1450, Carlos VII decretou uma investigação sobre as circunstâncias de seu processo e de seu suplício, o que resultou em uma solene reabilitação (17 de julho de 1456).

A santidade de Joana foi reconhecida pela Igreja Católica, que a beatificou somente em 1909 e a canonizou em 1920. Sua festa, que se tornou festa nacional francesa, foi fixada no Domingo seguinte ao dia 8 de maio, dia do aniversário da libertação de Orléans.

BIBLIOGRAFIA

ABELARDO, P., *Storia delle mie disgrazie e lettere d'amore di Abelardo e Eloisa*. Milano, Garzanti, 1995.

- CESAREIA, E. de, *História Eclesiástica*. Madrid, 1997, vol. 1, edição bilingüe.
- CHALITA, G., *Vivendo a Filosofia*. São Paulo, Atual, 2002.
- DREHER, M. N. *A Igreja no Mundo Medieval*. São Leopoldo, Sinodal, 1994.
- DUBY, G., *A Idade Média na França: de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- ECO, U., *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- FRANCO, H. Jr., *A Idade Média Nascimento do Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- GIBBON, E., *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo, Cia. das Letras, 2001, edição abreviada.
- HUBERMAN, L., *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- PIERRARD, P., *História da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- ROBERTS, J. M., *O livro de Ouro da História do Mundo*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- ROGIER, J. L.; D. SAUVIGNY; J. DERTIER, *Nova História da Igreja: Séculos das Luzes, Revoluções, Restaurações*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- VERISSÍMO, E. *A Vida de Joana D'Arc*. Rio de Janeiro, Globo, 2000.
- VICENTINO, C., *História Geral*. São Paulo, Scipione, 1997.
- WENGST, K., *Pax Romana: pretensão e realidade*. São Paulo, Paulinas, 1991.